

Machado de Assis

NOTAS SEMANAIS



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
FERNANDO FERREIRA COSTA



Conselho Editorial

Presidente
PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO
EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO
JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL
SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Machado de Assis

NOTAS SEMANAIS

ORGANIZAÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS

John Gledson e Lúcia Granja

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

As76n Assis, Machado de, 1839-1908.
Notas semanais / Machado de Assis; organização: John Gledson e Lúcia Granja. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

1. Ficção brasileira. 2. Brasil – História. I. Gledson, John, 1945-. II. Granja, Lúcia. III. Título.

ISBN 978-85-268-0820-1

CDD B869.341
981

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira	B869.341
2. Brasil – História	981

Copyright © by Organizadores
Copyright © 2008 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da UNICAMP
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus UNICAMP
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradecimentos

Em um trabalho como este, é impossível deixar de lembrar de todos os que nos ajudaram com alguma informação referente às notas e com outras várias formas de apoio. Assim, agradecemos aos amigos e colegas que estiveram à nossa disposição para dúvidas e perguntas: Ana Margarida Portela e Francisco Queiroz, Antonio Dimas, Cristina Carletti e Nicolau Sevcenko, Cláudio Aquati, Claudinei Maria, João Roberto Faria, Paulo Bevilaqua, Frederico Dentello, Roberto Schwarz, Sidney Chalhoub e, em especial, Paulo Franchetti, que nos apoiou, e muito, nos momentos de dificuldades ou inflexão deste trabalho.

Para a pesquisa dos jornais em microfilmes, foram fundamentais os funcionários do AEL (Arquivo Edgar Leuenroth — IFCH-UNICAMP), incansáveis em facilitar o trabalho do pesquisador.

Pelo companheirismo, é indispensável agradecer a todos os colegas e alunos do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários (IBICE-UNESP — São José do Rio Preto), assim como pela paciência com que conviveram e convivem com as viagens constantes de Lúcia Granja a Campinas, para pesquisa na UNICAMP.

A Paul, John agradece o generoso apoio, e a (quase) invariável paciência com que suportava meus freqüentes sumiços em direção ao computador, aos dicionários, às enciclopédias.

A Adriano, Lúcia agradece pelo apoio incondicional e pela paciência com que passou vários sábados e domingos em um gabinete de trabalho na UNESP.

Sumário

Uma nota sobre a edição.....	9
Introdução.....	13

NOTAS SEMANAIS

Crônica 1 – 2 de junho de 1878.....	87
Crônica 2 – 9 de junho de 1878.....	97
Crônica 3 – 16 de junho de 1878.....	109
Crônica 4 – 23 de junho de 1878.....	119
Crônica 5 – 30 de junho de 1878.....	131
Crônica 6 – 7 de julho de 1878.....	143
Crônica 7 – Rio, 14 de julho de 1878.....	155
Crônica 8 – Rio de Janeiro, 21 de julho de 1878.....	167
Crônica 9 – Rio de Janeiro, 28 de julho de 1878.....	179
Crônica 10 – Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1878.....	189
Crônica 11 – Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1878.....	199
Crônica 12 – Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1878.....	211
Crônica 13 – Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1878.....	223
Crônica 14 – Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1878.....	235
Anexo.....	249
Bibliografia.....	261
Índice remissivo.....	267

Uma nota sobre a edição

John Gledson
Lúcia Granja

Preparar uma edição anotada e com estabelecimento definitivo dos textos de Machado de Assis é uma tarefa difícil em suas especificidades.

No caso d'*O Cruzeiro*, nossa dificuldade mais evidente foi o estado de conservação dos jornais que usamos como fontes primárias. Ao que tudo indica, essa folha diária do XIX só foi tardiamente microfilmada, quando já estava bastante deteriorada, e temos trechos longos, até mesmo uma crônica inteira, que haviam sido rasgados no original em papel e, conseqüentemente, faltam ao microfilme. Nesses casos, não nos restou alternativa senão a de voltar à única edição até então completa dos textos das “Notas semanais”, a da Editora Jackson, apontando com notas de texto (asteriscos) todas essas ocorrências. Outra dificuldade, talvez mais angustiante, foi a de tomar decisões a respeito das notas explicativas que deveríamos criar. Sem dúvida, precisamos delas para tornar inteligíveis esses textos jornalísticos ao leitor contemporâneo, mas, imaginando que os leitores que chegarão às crônicas serão de diversos tipos e idades, e terão variados interesses, atingiríamos a quase insensatez, se nos puséssemos a tentar adivinhar quais informações faltariam a uns e outros. Tivemos em mente, então, como parâmetro para o estabelecimento das notas informativas e de recuperação do contexto das crônicas, a cultura média de um estudante de letras em formação de graduação, em uma boa universidade brasileira, e fizemos, sobretudo, alguns testes para assegurarmo-nos de que, nesta edição, tornamos as

crônicas legíveis para esse público, interrompendo o mínimo possível a leitura do texto machadiano. Dessa forma, um leitor mais erudito poderá, utilizando-se de todo seu bom senso, deixar de lado as notas cujas informações lhes pareçam óbvias, mas sem esquecer-se de que elas ali estão porque procuramos democratizar ao máximo o acesso ao texto machadiano, preocupando-nos, ao mesmo tempo, em não sobrecarregá-lo de anotações.

Aproveitamos essa oportunidade de nos dirigirmos ao leitor para esclarecer ainda alguns critérios que adotamos para o estabelecimento do texto e a confecção das notas, a fim de que o texto machadiano pudesse se tornar o mais útil e legível possível aos leitores e pesquisadores das variadas áreas. Sempre que foi possível, utilizamos o texto d'*O Cruzeiro* como base desta edição, limitando-nos a modernizar a ortografia. As exceções estão anotadas em cada texto, mas a mais importante é a da crônica de 7 de julho de 1878, completamente deteriorada no jornal. Nesse caso, como indicamos acima, recorreremos à edição das *Obras completas* de Machado de Assis, revista pela Editora Jackson em 1957.

Todos os usos lingüísticos particulares do XIX, assim como breves traduções/explicações concernentes à linguagem e à organização do texto, também vêm dados em notas textuais. O mesmo em relação aos “erros” do original, que vêm enumerados em nota de rodapé, seja qual for a sua origem — nem sempre é possível saber se são de Machado ou do jornal. No entanto, se aí estão anotados e não simplesmente “corrigidos”, é porque temos certeza da utilidade de assim proceder, pensando, por exemplo, que também são significativos para o processo de escrita e impressão dos textos no Brasil do XIX. Uma crônica saída em um domingo, mas que comenta uma notícia publicada nos jornais do sábado (ver caso de “O pobre Gomes” em 9 de junho de 1878), com certeza, teve seu texto composto para impressão não antes da tarde do sábado, ou pouco mais de 12 horas antes da aparição da edição do jornal nas mãos dos leitores. O mínimo de reflexão que um processo como esse nos sugere é a de que Machado foi extremamente detalhista em sua tarefa de “comentador da semana”. Assim, tendo-se deparado com uma notícia espantosa na folha de sábado (ou um pouco antes, na redação

de um dos jornais), teria criado uma primeira parte para a crônica de 9 de junho (que deveria estar já pronta ou quase a essa altura), na qual se referia ao suicídio do “pobre Gomes”. Corrobora a hipótese de que Machado tenha realmente escrito a crônica e depois deparado com a notícia em questão, ajuntando posteriormente ao texto a primeira parte, o fato de ela não ter relação com as outras seções do texto e, aparentemente, fechar-se em si. De fato, como discutiremos mais longamente na Introdução, a primeira seção da crônica de 9 de junho foi preenchida por uma profunda reflexão sobre as mudanças apressadas em que se inscrevia o tempo que o cronista tentava apreender com a ponta de sua pena. Assim, se esse trecho da crônica foi escrito às pressas, isso só confirma a relevância do tema para Machado.

Finalmente, utilizamos as seguintes abreviaturas: cr. (crônica); n. (nota); col. (coluna); MA (Machado de Assis); OC (*O Cruzeiro*); GN (*Gazeta de Notícias*); JC (*Jornal do Commercio*). Nas notas, depois do nome do jornal, aparece entre aspas a seção da qual tiramos a informação, seguida por data, página e coluna. Para a identificação das citações e alusões de Machado, usamos, quase na totalidade das vezes, suas fontes na língua original, embora em edições mais recentes. Quando não indicamos nas notas a fonte de uma informação, ela é, com certeza, fruto de uma pesquisa geral em variadas enciclopédias, com destaque para *Grand dictionnaire universel du XIX^e siècle*, de Pierre Larousse. As indicações bibliográficas resumidas das notas desdobram-se em completas na Bibliografia que compõe este volume.

Desejamos que este trabalho minucioso seja informativo e útil a novos leitores do texto machadiano e à pesquisa dele, em geral.

Introdução

I

Em meados de 1878, entre 2 de junho e 1º de setembro, Machado de Assis publicou uma série de crônicas n' *O Cruzeiro*, todas sob o pseudônimo de Eleazar. Elas formam uma das mais fascinantes de todas as séries que ele escreveu para os periódicos ao longo de sua carreira — ao mesmo tempo, uma das mais difíceis de entender e das mais cruciais para a compreensão de sua trajetória literária. Podemos deduzir isso a partir das datas de publicação — elas encontram-se entre a escrita de *Iaiá Garcia*, concluída em setembro de 1877,¹ e a aparição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, iniciada na *Revista Brasileira* em março de 1880. Em outras palavras, elas podem oferecer-nos indicações sólidas sobre Machado durante esse período de crucial mudança. Elas figuram também entre as mais singulares crônicas de Machado, com trechos que parecem divertida e propositadamente paradoxais, às vezes recontando histórias cujos enredos, se é que podem ser chamados assim, desafiam o senso comum. Como sempre ocorre quando se trata de Machado, as crônicas referem-se com frequência, de maneira oblíqua, a casos, triviais ou não, relatados nos jornais, e é impossível entendê-las completamente sem as notas detalhadas que fornecemos. Ainda assim, como veremos, restam nelas questões de difícil interpretação.

Antes de passarmos para os textos em si, seus variados contextos podem nos iluminar, e muito. O mais imediato deles, e o mais relevante e revelador, é, no próprio *O Cruzeiro*, a produção de Machado, da qual

as crônicas que ora apresentamos são apenas uma parte (vitalmente importante). A partir de janeiro de 1878, ele produziu regularmente material de natureza variadíssima, embora todo ele ocupasse o espaço destinado ao folhetim, que começava no fim da primeira página. Num primeiro momento, entre janeiro e março, *Iaiá Garcia* foi publicado em partes — 17 capítulos foram distribuídos em 39 episódios.² Em 26 de março, Machado deu início a uma série de textos publicados semanal e ininterruptamente, ao longo de 10 terças-feiras, seguidas por 14 domingos (dia em que foram publicadas as crônicas), até 1º de setembro — 25 textos no total, se considerarmos que 2, “O bote de rapé” e “A sonâmbula”, saíram no primeiro dia de publicação. O fato de que esses textos formavam um conjunto, até uma espécie de unidade, na cabeça de Machado pode ser provado pelo uso para todos eles, e em nenhuma outra ocasião, do pseudônimo Eleazar.

Nove dessas obrinhas publicadas quase que em seqüência direta de 26 de março a 28 de maio, começando com “O bote de rapé” e encerrando com “Elogio da vaidade”, podem ser paradoxalmente agrupadas, dado que se torna muito difícil enquadrá-las em qualquer gênero. A única interrupção nessa série de textos singulares, certamente não prevista quando de seu início, foi para permitir que Machado publicasse a famosa resenha de *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, sob o título “Literatura realista”, em 16 de abril, e sua posterior resposta aos críticos dessa resenha, duas semanas depois, em 30 de abril.³ No dia 2 de junho de 1878, inicia-se a série de crônicas que publicamos aqui e que acaba em setembro com as palavras: “Cai-me a pena das mãos”. Voltaremos adiante ao assunto do fim da série.⁴

Uma lista completa do material publicado n’*O Cruzeiro* pode ser consultada em tabela anexa, às pp. 249-57. Pouco conhecido e, acima de tudo, raramente considerado em conjunto,⁵ ele sofreu, como talvez nenhuma outra série de textos, com a história caótica da edição das “Obras completas”⁶ de Machado. A explicação clara para isso é que ninguém sabia como classificá-lo. A edição da Jackson espalha esse material por, pelo menos, quatro volumes (além de suprimir dois itens); a edição da Aguilar inclui cinco itens em “Miscelânea” e omite três; José

Galante de Sousa, na sua *Bibliografia de Machado de Assis*, à qual devemos tanto, lista cada item, mas na verdade se vê incapaz de controlar seu sistema de classificação, ao chamar “O califa de Platina” de conto, que é e não é (apesar de o jornal referir-se a ele como um “conto árabe”); chama “O bote de rapé” de “fantasia” e “Antes da missa” de um “diálogo em verso”, apesar das muitas semelhanças entre eles — será que isso se deve ao fato de que um nariz tem o dom da palavra, em pé de igualdade com as pessoas? Ao chegarmos a “O caso Ferrari”, incluído na edição Jackson como “crítica teatral”, Galante, talvez por prudência, não lança mão de nenhuma definição genérica — ao listar o material publicado em *O Cruzeiro* (p. 229), ele o classifica como “vária”. Até a palavra “fantasia”, empregada para descrever cinco itens, é, pode-se supor, um mal menor — uma quase confissão de fracasso. Nós a usamos aqui entre aspas para nos referirmos a todo o conjunto, simplesmente em nome da conveniência.

Parece que Machado vinculava todo esse material, como o pseudônimo indica, e a nossa intenção é publicá-lo por completo (incluindo as famosas críticas a Eça de Queiroz), em um volume separado. O que os vincula? Provisoriamente, podemos dizer que eles são parte do seu esforço criativo, que atravessava então um período de crise — o mais importante da sua vida, sem dúvida. Ele estava prestes a escrever *Memórias póstumas de Brás Cubas*, seu primeiro grande romance, o primeiro a incursionar na experimentação formal e a abordar algumas verdades bastante incômodas sobre a sociedade *da e para a qual* ele escrevia. Só o fato de esses textos serem, por vezes, experimentais e zombarem de classificações genéricas devia ter despertado mais interesse do que despertou.⁷

As crônicas publicadas aqui são parte integrante dessa experimentação, e nós acreditamos que elas fornecem dicas essenciais para sua compreensão. Isso se deve, em parte, à natureza da própria crônica como gênero: como obedecem a parâmetros mais flexíveis que outros tipos textuais, as crônicas encaixam-se com facilidade em um grupo de textos que resistem, eles próprios, a uma definição fácil. Além disso, como tratam de acontecimentos cotidianos, em uma prosa que é, por vezes,

discursiva (“Venhamos à boa prosa, que é o meu domínio”, como ele diz na crônica 3, II),⁸ as crônicas são mais fáceis de entender (pelo menos para um leitor moderno) e relacionam-se a questões estéticas, culturais, sociais e políticas mais claramente que as divertidas e aparentemente triviais e grotescas “fantasias”. Por essa razão, elas podem ajudar a explicar por que Machado se deixou levar por esse acesso de excentricidade.

II

Se sairmos do ambiente imediato do jornal *O Cruzeiro* e inserirmos esses textos no contexto mais amplo da evolução de Machado no final da década de 1870, algumas tendências mais significativas começarão a aparecer. Providenciamos, por essa razão, uma tabela que apresenta todas as publicações em *O Cruzeiro*, e que também relaciona toda a sua produção, entre 1875 e 1882, classificada de acordo com o gênero. Esse período compreende a publicação dos dois livros, que marcam, todos concordam, o começo da fase madura de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Papéis avulsos*. Seu início é um pouco mais arbitrário: o ano da publicação do conto “A chinela turca”, que, mais tarde, embora muito alterado, entrou em *Papéis avulsos*. Classificamos o material de acordo com o gênero, o que é fácil, racional e útil; contudo, ainda assim, precisamos manter a mente aberta quando se trata do material nas duas últimas colunas, em que crítica literária e “homenagens” se sobrepõem de vez em quando. É claro que expor o material de *O Cruzeiro* em uma coluna separada foi uma escolha calculada, embora pudéssemos argumentar que foi imposta também pela própria natureza do material: ele é inclassificável no que se refere a gênero. Quando um item se ajusta a uma das classificações — como é o caso de “Na arca” e das crônicas —, nós o incluímos duas vezes.

A primeira questão que essa tabela ressalta é a complexidade da transição que é mais freqüentemente vista como uma mudança entre dois romances: *Iaiá Garcia* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Há, é claro, motivos consideráveis para nos atermos a essa perspectiva somente, e,

no caso dos argumentos de Roberto Schwarz em *Ao vencedor as batatas* (1978) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (2000), ela produziu resultados espetaculares. Mas outras são, à sua maneira, igualmente fascinantes e fornecem um quadro mais detalhado da evolução de Machado, incorporando outras dimensões. Um exemplo claro é dado pela “A parasita azul”, de 1872, o conto que abre *Histórias da meia-noite*, claramente, por alguns aspectos, uma preparação para *Memórias póstumas*, contudo aparentemente sem uma continuação óbvia até então.⁹ De fato, as análises que Schwarz faz de *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia* em *Ao vencedor as batatas* são apenas em parte uma história de progresso contínuo, bem como um relato de formas dialeticamente variadas de abordagem de uma única meta — que talvez seja em si menos “única” do que parece ser à primeira vista. A experimentação que finalmente produziu *Memórias póstumas* e *Papéis avulsos* aconteceu, e tinha que acontecer, em muitas frentes. Foi uma combinação extraordinária de paciência, persistência e ousadia; temos a intuição de que há muito mais a ser dito a respeito, e de que estudos detalhados e cuidadosos das primeiras obras de Machado em todos os gêneros se fazem necessários mais do que nunca. É claro que modelos estrangeiros — Sterne, Swift, Xavier de Maistre, Erasmo etc. — não podem ser excluídos, mas devemos estar conscientes de quanto, e em quantas frentes, Machado tinha consciência das suas próprias ambições criativas, e fez de tudo para alcançá-las.

Se passarmos, brevemente, para a segunda coluna da tabela, veremos outros detalhes. Primeiro, veremos o número de contos publicados no *Jornal das Famílias*, 24 ao todo, e que, com uma exceção (“Uma visita de Alcebiades”), nunca foram republicados. O título de um deles, “Encher tempo”, poderia, talvez um pouco cruelmente, ser usado para descrever esses contos — lidos em conjunto, dão uma impressão esquisita de marasmo, como se fossem totalmente destituídos de impulso criativo e produzidos apenas por dinheiro. O *Jornal* fechou suas portas no fim de 1878 e foi substituído na vida de Machado pela mais sofisticada e avançada *A Estação*, em que ele publicou seu primeiro conto, “Um para o outro”, em julho de 1879.¹⁰

Aqui não é o lugar para detalhar esse elemento do universo variado de publicações de Machado, mas duas questões devem ser ressaltadas. A primeira é a importância dos vários órgãos nos quais Machado publicou. Algumas revistas, cujo principal exemplo é a *Jornal das Famílias*, pareciam exigir um certo tipo de conto, o que podia inibir uma expressão mais original. Se quisesse ter mais liberdade ou publicar algo mais experimental, ele podia escolher outro órgão — pelo menos isso é verdade *grosso modo*, embora claramente algumas revistas e jornais fossem mais livres e abertos em suas opiniões se comparados a outros. “Um para o outro” é, até onde se pode afirmar a respeito das duas partes (das seis originais) que chegaram até nós, um conto mais ou menos no velho estilo,¹¹ mas, dois anos depois, ainda em *A Estação*, Machado começou a publicar “O alienista”.

A segunda questão a ser sublinhada é a organização de *Papéis avulsos*, que, não nos esqueçamos, incluía um dos contos publicados em *O Cruzeiro*, “Na arca”. Quando a coletânea foi publicada, em 1882, Machado salientou sua unidade, real embora frágil, ao dizer que os contos eram “pessoas de uma só família, que a vontade do pai fez sentar à mesma mesa”.¹² Três contos da coleção foram publicados, numa forma ou noutra, antes de 1880 — antes do divisor de águas que foi o lançamento de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, embora sua relação com o conto final seja diferente nos três casos. São eles: “A chinela turca”, “Uma visita de Alcebiades” e “Na arca”. Cada um tem uma história para contar: “Uma chinela turca” foi publicado pela primeira vez não no *Jornal das Famílias*, mas em *A Época* — seu redator principal, como Machado nos diz em uma nota em *Papéis avulsos*, era Joaquim Nabuco.¹³ Seu tom, ele nos conta, era “elegante, literário, ático”. No período seguinte aparece a consequência lógica desse idealismo tão tolo — “A folha durou quatro números”. Este tema, a impossibilidade de literatura ou de arte séria no Brasil, é muito importante, e nós veremos, quando partirmos para as crônicas em si, como, com frequência, elas lidam com a questão. Ainda mais intrigante é uma carta a Nabuco, de abril de 1883, que acompanhava *Papéis avulsos*, referindo-se a esse episódio e qualificando a declaração na “Advertência”: “Não é propriamente uma reunião de es-

critos esparsos, porque tudo que está ali (exceto justamente a ‘Chinela turca’) foi escrito com o fim especial de fazer parte de um livro”.¹⁴ Por isso, o primeiro conto a ser pensado nesses termos é “Uma visita a Alcebíades”, publicado, dessa vez, no *Jornal das Famílias*, em outubro de 1876. Na nota a esse conto em *Papéis avulsos*, Machado diz aos leitores que “este escrito teve um primeiro texto, que reformei totalmente mais tarde, não aproveitando mais do que a idéia. O primeiro foi dado com um pseudônimo e passou despercebido”.¹⁵ O primeiro texto foi publicado por Raymundo Magalhães Júnior em *Contos esparsos*, e, embora Machado tenha exagerado ao dizer que “não aproveit[ou] mais do que a idéia”, há muita verdade no que ele disse.¹⁶ “Na arca”, publicado em *O Cruzeiro*, em 14 de maio de 1878, sofreu apenas um ajuste: o corte do trecho introdutório mencionado na nota 6. Algumas pessoas podiam até lamentar essa iniciativa, já que a introdução (pelo menos, na nossa avaliação) é muito divertida e totalmente no espírito de *Papéis avulsos*. Parece que a coleção, independentemente do nome, já estava na cabeça de Machado a essa altura. Em todo caso, Machado não viu razão para comentar esse conto nas notas da coleção. Isso significa que “Na arca” *encerra o primeiro material extenso em prosa publicado a ser julgado pelo seu autor como merecedor de inclusão em um dos volumes da sua maturidade, e reconhecido por ser representativo do seu espírito.*

Nessa última frase há uma definição cuidadosa, que contém uma verdade substancial e é por isso que está em itálico. É bom pensar nela. Ela sublinha a importância da coleção heterogênea de textos publicados em *O Cruzeiro*; a experimentação aqui parece mais importante, embora talvez não menos mistificante. O que faz de “Na arca” um texto tão original, tão evidentemente no estilo maduro de Machado — ou (talvez mais apropriadamente) no seu espírito? Parte da resposta está no fato de que se trata de uma paródia contínua. *Cada palavra* em “Na arca” é paródia, escrita em um estilo que imita outro e zomba dele; nesse caso, o estilo da Bíblia. É importante salientar que cada palavra, da primeira à última, é afetada pela paródia; nós acreditamos que esta é a grande descoberta de Machado nesse conto — o que, antes, era intermitente e desajeitado, aqui, é contínuo e sólido. Somos só nós, ou sentimos um

alívio em Machado quando ele se esconde no casulo da linguagem emprestada? Somos lembrados da referência de Brás Cubas ao Pentateuico no primeiro parágrafo do *Memórias póstumas* — e se quiséssemos fazê-lo, que melhor lugar para começar, que ponto de partida mais perfeito que a Bíblia?¹⁷ A paródia ocupa um lugar central na mudança complexa e misteriosa e, ainda assim, profundamente coerente que aconteceu por volta de 1880, a “crise dos 40 anos”. Ela está presente em “A parasita azul” e alhures, mas de modo ainda hesitante, incapaz de estabelecer o tom dominante de todo o texto — foram necessários cinco ou seis anos para que atingisse a maioridade. Em outras palavras, embora possa parecer que surgia como Minerva da cabeça de Júpiter, em “Na arca” ou em *Memórias póstumas*, houve muito esforço acompanhando a ousadia e a inspiração.

Retomando o nosso esquema, a terceira coluna refere-se à poesia e pode ser abordada aqui de forma breve, embora suspeitemos que também concentre uma parte importante da história da década de 1870, que mal começamos a contar. O período que examinamos é marcado por duas coleções de poemas, *Americanas* e *Ocidentais*, sendo esta última um grupo de poemas de tendência mais filosófica, publicado na *Revista Brasileira* em 1880 e republicado posteriormente como parte do livro *Poesia completa*, de 1901: “Uma criatura”, “O desfecho”, “A mosca azul”, “No alto”, “Spinoza”, “Suave mari magno...”. O que se pode dizer de mais óbvio é que essas coleções ocupam lados opostos de uma das dialéticas com as quais Machado trabalhou ao longo de sua carreira, o brasileiro e o universal.¹⁸ “Instinto de nacionalidade” é a expressão mais evidente e abstrata dessa dialética, mas pensamos às vezes que ela encontra formas mais intrigantes e conflituosas na sua produção “criativa” não-crítica (como “A parasita azul”, escrita mais ou menos na mesma época, ou seja, em 1872). O que mais chama a atenção é que na poesia não há meios-termos e, acima de tudo, não há humor, ironia, paródia — nem mesmo uma transição; há simplesmente contraste. Poderia isso ser uma função do próprio gênero, o mais tradicional, elevado e sério de todos? Talvez — mas devemos observar que, também na *Revista Brasileira*, Machado publicou, em outubro de 1879, partes de